

Comunidades religiosas e redes migratórias: o caso dos haitianos no Brasil

*Bernadete Alves de Medeiros Marcelino**

1 INTRODUÇÃO

A esperança de uma vida melhor em outro lugar tem movido o “mundo” – as pessoas – a se deslocar. Essa busca é geralmente acompanhada de tragédias e sofrimentos, acentuados pela indiferença desencadeada pelo medo do desconhecido que as “massas de estranhos” supostamente representam (BAUMAN, 2017). Na relação entre medo e crise (migratória), encontram-se significativas tendências de rejeição àqueles que parecem “estranhos”, diferentes (BAGGIO *et al.*, 2016; BAUMAN, 2017, pp. 24 e 104; GONÇALVES, 2019, p. 196).

Não obstante, essa realidade das migrações na atualidade tem sido permeada por outras inúmeras situações problemáticas que precisam ser compreendidas à luz de estudos. Esse é um dos motivos pelos quais, dentro desse contexto multifacetado, complexo e abrangente, o principal foco dos estudos migratórios tem sido os problemas relacionados a esses processos, seguido de buscas por possibilidades de soluções (LUSSI, 2015, p. 113). Nesse contexto, nos deparamos com o surgimento de comunidades étnicas como um meio estratégico de sobrevivência de grupos de imigrantes em um território diferente.

No que se refere às comunidades religiosas (evangélicas) haitianas, estas começaram a surgir no Brasil um pouco depois que o fluxo imigratório haitiano para o país foi intensificado, logo após um terremoto que ocorreu no Haiti no ano de 2010. Por meio de pesquisa etnográfica, levantamento bibliográfico e entrevistas abertas, foi possível pesquisar algumas dessas comunidades em um bairro periférico de São Paulo (Guaianases) e fazer algumas constatações que aqui serão apresentadas.

Sabemos que a “pesquisa é um lento processo de construção” que envolve um ato criativo, mas também um “trabalho árduo, sistemático e imaginativo” (DURAND, 2015, pp. 13 e 19). Tendo em vista esse pressuposto, entendemos que é importante apresentar o assunto por partes. Para tanto, dividiremos o texto em quatro momentos: no primeiro, falaremos das redes migratórias; no segundo, destacaremos as redes migratórias abusivas; no terceiro, discorreremos sobre as

* *Doutora em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -PUC/SP.*

comunidades em contexto migratório, e, no quarto, abordaremos a relação entre comunidades religiosas e redes migratórias haitianas no Brasil. Destacamos que este texto é um pequeno recorte da pesquisa realizada durante o doutorado sob o tema “Comunidades evangélicas haitianas: um estudo etnográfico em Guaianases, SP”¹.

2 REDES MIGRATÓRIAS

Para compreender as migrações internacionais, tanto individuais quanto coletivas, é necessário conhecer as redes sociais instituídas nesse cenário (SOARES, 2017, pp. 612 – 614), pois os recentes processos migratórios internacionais parecem ter como pano de fundo a gestão de redes sociais (BAENINGER, 2015, p. 32). De maneira geral, o termo “redes sociais” se refere a interações cotidianas que articulam diferentes pessoas e comunidades (FUSCO e REZENDE, 2017, pp. 615 – 616).

Em processos migratórios, as redes sociais indicam formas de relações que se estabelecem interpessoalmente entre migrantes, não migrantes e até mesmo antigos migrantes, tanto nos locais de destino quanto nos de origem. Essas redes são extensões de outras, envolvem parentes e amigos que compartilham interesses ou necessidades comuns migratórias e se constituem como um capital privilegiado (LUSSI, 2015, pp. 101 – 102).

Considerando a natureza dessas redes, elas se inserem em um espaço social de ampla conectividade, em um ambiente onde o interesse pelo sucesso do migrante é gerido por meio de diferentes formas de apoio. Quando o migrante chega ao seu destino e alcança sucesso, torna-se um potencial positivo que acaba oferecendo apoio aos demais membros da rede (BARBOSA e DADALTO, 2018, pp. 210 – 211).

Como as redes também geram espaços sociais nos países de destino, as estruturas estabelecidas por elas pretendem alcançar alguns objetivos. Além da conexão entre origem e destino, tais estruturas visam proporcionar, por meio de vínculos constituídos com a sociedade receptora, funções estratégicas como associações étnicas, matrimoniais, residências, entre outras (BAENINGER, 2013, pp. 29 – 31). Assim, o capital social construído pelas redes facilita e favorece outras formas de capital: fortalece relações sociais, possibilita informações sobre emprego e promove acessos. Entre estes, estão os relacionamentos com não migrantes e diferentes instituições, no contexto de destino, que também passam a atuar como redes sociais (LUSSI, 2015, p. 102).

A essas questões somam-se os recursos oferecidos, que podem diminuir os custos do processo migratório, pois as redes proporcionam diversos benefícios para os seus membros, tornando-se grandes facilitadoras dos deslocamentos. Caso o migrante perca o acesso estabelecido com a rede, ele pode ter muitos prejuízos. Portanto, para reforçar e garantir a durabilidade da rede e não perder o contato com ela, estruturam-se as conexões e algumas funções são definidas.

Entre essas funções podemos citar as obrigações de apoiar novos migrantes no lugar de destino e enviar remessas de cunho econômico para parentes que permaneceram no lugar de origem (BARBOSA e DADALTO, 2018, pp. 211 – 212).

Sendo assim, as redes desempenham um papel extremamente relevante nos fluxos migratórios, desenvolvendo uma função que supera a conexão entre os migrantes e seus familiares. Em outras palavras, os sistemas constituídos por tais redes proporcionam a informação e a comunicação, assim como a organização e a regulação do processo migratório em diferentes contextos, gerenciando migrações no mundo todo. Os migrantes que dependem das redes sociais – em sua maioria, da classe trabalhadora – se deslocam por meio delas para lugares onde podem encontrar algum “conhecido” ou parente, em um processo que pode reduzir suas chances de fracasso (BARBOSA e DADALTO, 2018, pp. 210 – 211).

Essas relações em redes que envolvem parentes, amigos, instituições, entre outros, possibilitam um processo migratório mais palpável, como pontua Soares (2017, pp. 612 – 614). Os laços estabelecidos nesse processo podem envolver também “membros de uma mesma religião, língua, etnicidade, ou grupo nacional” (FUSCO e REZENDE, 2017, pp. 615 – 616). No entanto, tais laços podem ser fortes ou fracos. O que define um laço como forte ou fraco é o vigor da conexão existente, a duração do relacionamento, a intimidade e a troca de favores (FUSCO e REZENDE, 2017, pp. 615 – 616).

Devemos considerar também que, na busca por laços e estruturas sociais por meio das quais outros benefícios e formas de apoio possam ser alcançados, as redes anteriormente estabelecidas podem ser frequentemente substituídas. Assim, em decorrência das próprias dinâmicas relacionadas à inserção no país destinado, muitos laços acabam se desfazendo, e as ligações em rede se tornam dinâmicas e frágeis (PEIXOTO, 2017, pp. 130 –131).

Por outro lado, uma vez que as redes estabelecidas facilitam a execução do projeto de migrar e promovem a adaptação ao país de destino, elas se tornam meios para que a imigração de fato aconteça, seja mantida e expandida (FUSCO e REZENDE, 2017, pp. 616 – 617; SOARES, 2017, pp. 612 – 614). Contudo, é importante destacar que, apesar de a operação das redes acontecer muitas vezes em favor do interesse do grupo e trazer benefícios para o migrante, existem situações em que este pode se tornar vítima de interesses externos e enfrentar muitos desafios em decorrência disso (BARBOSA e DADALTO, 2018, pp. 211 – 212). Nesse contexto, torna-se necessário falarmos sobre as redes migratórias abusivas.

3 REDES ABUSIVAS

O poder de comunicação das redes possibilita o gerenciamento de seus membros e de seus movimentos por aqueles que sabem como, quando e onde a migração acontece. Visando benefícios econômicos, os membros mais influentes

de algumas dessas redes podem atuar de maneira ilegal, colocando em risco a vida de muitos ao oferecer e promover deslocamentos por trajetos extremamente perigosos. Tais membros também podem atuar como intermediários de situações relacionadas a outras formas de abusos como ofertas de trabalhos precários no lugar de destino, maus tratos, entre outras. Essas questões podem suscitar tensões entre estes e aqueles que buscam a segurança dos migrantes (BARBOSA e DADALTO, 2018, pp. 211 – 214).

Julgamos relevante destacar as redes migratórias abusivas em decorrência do contexto pesquisado. Muitos dos imigrantes haitianos chegaram ao Brasil por meio de percursos gerenciados por “coiotes”, foram submetidos a exploração econômica, cárcere privado e até estupro, no caso de algumas mulheres (PARISE, 2016, p. 59).

Fernández (2015) expõe quem são considerados ou conhecidos como “coiotes”: pessoas ou grupos que se especializam em guiar imigrantes indocumentados para o cruzamento clandestino de uma fronteira em troca de lucros econômicos. Esse tipo de tráfico se tornou uma atividade econômica que tem fomentado o movimento de grandes quantidades de dinheiro. Fernández (2015) afirma também que existem pelo menos três tipos de “coiotes”:

- 1) Com experiência migratória, atuando em organizações constituídas por conhecidos. São “coiotes” locais, que atuam como uma espécie de guias comunitários. Sua função é realizar o traslado fronteiriço de grupos menores de migrantes indocumentados;
- 2) Independentes, que auxiliam migrantes que não contam com o auxílio do guia comunitário nem de organizações mais sofisticadas;
- 3) Altamente especializados, que dispõem de ampla estrutura em relação à divisão de trabalho. Entre eles estão incluídos viajantes, guias, acompanhantes, cobradores e recrutadores. Na maioria dos casos, tais “coiotes” dispõem de alojamento e transporte que muitas vezes têm o respaldo de autoridades locais, estaduais e até federais.

A diferença estabelecida entre esses “coiotes” e os traficantes de pessoas estaria relacionada aos meios, à “segurança” e ao custo a ser pago pela viagem. Em geral, os “coiotes” locais proporcionam maior “segurança” e são menos onerosos, apesar de não garantirem sucesso na travessia logo na primeira tentativa. Por outro lado, os “coiotes” bem organizados cobram altos custos pela travessia e colocam os migrantes em situação de estafa, maus tratos e outras humilhações. Além disso, estes não garantem a chegada ao destino, podendo abandonar o migrante no meio do caminho, lançando-o à própria sorte (FERNÁNDEZ, 2015).

De maneira geral, concluímos que entender o papel que as redes exercem nos processos migratórios é extremamente importante, e pode ser compreendido, ainda que parcialmente, por meio dos grupos de migrantes que se organizam no país de destino. Isso se mostra um aspecto relevante para pensarmos nas comunidades de imigrantes e em nosso próprio objeto de pesquisa.

4 COMUNIDADES EM CONTEXTO MIGRATÓRIO

As migrações concentradas em um determinado período e com grandes volumes produzem fortes relações comunitárias. A maneira como as comunidades se constroem pode ser imprecisa, mas, ao considerarmos que contextos específicos oferecem ilustrações relevantes para análises mais gerais, é possível propor algumas afirmações. Devido à dificuldade inicial de se estabelecer no lugar destinado, muitos imigrantes sustentam durante algum tempo a possibilidade de retornar ao país de origem ou de se deslocar para outro país. Porém, na maioria das vezes, eles estabelecem relacionamentos em comunidade, reconstruindo uma identidade coletiva (PEIXOTO, 2017, pp. 130 – 134).

Não podemos generalizar os modos de integração de migrantes aos países de destino nem as formas de relações estabelecidas nas comunidades migrantes em decorrência das dinâmicas e das características diversas desses grupos. No entanto, o sentimento de comunidade, produzido pelo estreitamento de relações sociais na sociedade que recebe o imigrante, desencadeia laços comunitários e reforça vínculos étnicos, desenvolvendo mecanismos de solidariedade (PEIXOTO, 2017, pp. 130 – 134).

Essas relações dependem bastante do contexto em que estão inseridas e envolvem mercado de trabalho, moradia e políticas imigratórias. Cabe ressaltar que os espaços físicos povoados pelos imigrantes são delimitados por uma proximidade espacial que colabora para o reforço dos laços sociais e o desenvolvimento do sentimento de pertença. O apoio mútuo dentro dessas comunidades pode desencadear ações, como a ajuda financeira, a obtenção de moradia, o recrutamento para o trabalho, entre outras, o que pode resultar em melhores condições de integração dos imigrantes ao novo contexto social (PEIXOTO, 2017, pp. 130 – 135).

Por outro lado, essa mesma comunidade pode favorecer o isolamento em relação à sociedade mais ampla. Quanto mais os imigrantes forem desfavorecidos no mercado de trabalho, tiverem menor acesso à mobilidade social e sofrerem restrição de acolhimento político, maior será a concentração desses grupos em espaços residenciais comuns, a identificação com a cultura de origem e o isolamento na própria comunidade. Dessa forma, os mecanismos de recepção da sociedade de acolhimento interferem no modo de integração dos imigrantes. Assim, o condicionamento estrutural desses grupos depende consideravelmente do tipo de recepção que lhes é oferecida (PEIXOTO, 2017, pp. 130 – 135).

Nesse sentido, podemos citar, de acordo com Peixoto (2017), pelo menos três desses mecanismos sociais:

- a) As lógicas de recrutamento para o trabalho, que dispõem o imigrante em determinadas posições dentro do mercado;
- b) A escolha pelo lugar de moradia, dependente de mecanismos sociais relacionados à vizinhança, que pressionam tais grupos a escolher determinados locais de residência;
- c) A referenciação simbólica relacionada a esse imigrante, desenvolvida no país que o acolhe, que pode produzir diferentes formas de racismo, condicionando esses grupos ao isolamento e resultando na construção de identidades coletivas comuns, pautadas na cultura deles.

No que se refere à construção de identidades coletivas entre migrantes, tudo se joga entre a (re)construção de uma identidade comum, baseada na língua, na nacionalidade ou em vários atributos simbólicos – cujos fundamentos têm mais a ver com o novo contexto de inserção do que com as supostas raízes ancestrais –, e a diluição em identidades mais híbridas. A demarcação de um grupo étnico, quando ocorre, apela ao estreitamento dos laços sociais e ao reforço de uma identidade comum, com o enraizamento de um sentimento de “comunidade”. (PEIXOTO, 2017, p. 132)

As identidades e as ações coletivas desenvolvidas nas comunidades de migrantes são bastante diversas, mas quanto menos os imigrantes forem acolhidos na sociedade de destino e integrados a ela, maior será o desenvolvimento de comportamentos étnicos e o isolamento em seus próprios grupos (PEIXOTO, 2017, pp. 133 – 134). Grupos étnicos podem ser definidos como conjuntos de pessoas de uma mesma etnia, e têm, como um de seus pressupostos, a interação entre os seus membros (SILVA e SILVA, 2009, p. 26).

A tendência dos imigrantes de se fecharem em torno de si mesmos e de haver celebrações identitárias em grupos étnicos acaba levando a maioria das comunidades de migrantes a organizar eventos pautados em uma reconstrução de identidades com referência simbólica à sua cultura, ainda que, em muitos casos, essa referência se apoie em algo que já deixou de existir em seu país de origem (PEIXOTO, 2017, pp. 133 – 134).

Esse contexto nos leva a refletir sobre a dicotomia que envolve a ruptura social intencionada por meio do processo de migrar. A escolha pelo deslocamento migratório manifesta a pretensão de deixar as próprias referências tradicionais para buscar novos paradigmas (PEIXOTO, 2017). É um “movimento de busca da diversidade”, como um desejo de “tornar-se outro” (ROSA *et al.*, 2009). Por outro lado, na prática migratória, as memórias culturais acompanham o migrante e são

mantidas como referência muito tempo depois de eles terem partido. Perante o isolamento, estes passam a reconstruir “com grande precisão, as comunidades de origem no país de destino” (PEIXOTO, 2017, pp. 130 – 135).

Nesse contexto, a religião pode se fazer presente nessas comunidades como aspecto cultural (SAYAD, 1998, p. 15). Para muitos imigrantes, ela representa algo extremamente significativo, constituindo parte do cotidiano. As crenças e as práticas religiosas que acompanham essas pessoas afetam diretamente o contexto migratório de que participam. Apesar de alguns vivenciarem seus rituais de fé por meio de ligações com objetos religiosos, constituindo a própria residência como um pequeno templo de caráter individual, é muito comum o surgimento de espaços/comunidades étnico-religiosas interligadas a fluxos migratórios (SHERINGHAM, 2017, pp. 626 – 629).

Tais comunidades oferecem oportunidades para o imigrante exercer suas práticas religiosas, mas também se apresentam como apoio a necessidades financeiras, psicológicas e sociais que surgem em decorrência das demandas envolvidas no processo de migrar. Ao se constituírem como espaços de contribuição para a integração e a adaptação dos imigrantes ao novo contexto social, essas comunidades estabelecem um ambiente de esperança e confiança, além de suscitarem sentimento de pertença. Por outro lado, elas podem requerer contribuições financeiras de seus membros e exigir que estes cumpram algumas práticas estabelecidas pelo grupo (SHERINGHAM, 2017, pp. 626 – 629). Todo esse cenário apresentado nos oferece respaldo conceitual e teórico para a análise a partir da pesquisa etnográfica realizada.

5 COMUNIDADES RELIGIOSAS HAITIANAS E REDES MIGRATÓRIAS

Ao analisarmos o contexto das comunidades evangélicas haitianas a partir da pesquisa etnográfica realizada, observamos que as relações coletivas estabelecidas por esses grupos eram fortes, o que lhes permitiam criar “espaços” como extensões de redes migratórias aparentemente bem-sucedidas. O sentimento comunitário estabelecido, os estreitamentos das relações e os laços que reforçam vínculos étnicos e mecanismos de solidariedade (aspectos necessários para a manutenção do grupo) buscavam mais do que a construção e a reconstrução de uma identidade coletiva. Estes visavam a integração ao país de destino e o alcance de objetivos migratórios comuns, ainda que em partes.

Devemos destacar que as relações estabelecidas entre eles podem depender do contexto particular de cada comunidade, e que não é destituída de discórdias. De maneira geral, percebemos o envolvimento de questões que se articulam às necessidades cotidianas e migratórias desse contingente. Estas incluem desde a moradia até a operacionalização para migração de alguns de seus adeptos, a chegada de familiares, entre outras.

Também como consequência da precariedade do mercado de trabalho, que resulta em baixos salários para a grande maioria dos imigrantes haitianos de Guaianases, estes dividiam a locação de seus imóveis, concentrando-se em habitações que ocupavam o mesmo espaço. Esse fato aumentava a proximidade entre os imigrantes e reforçava laços sociais que fortaleciam sentimentos de pertença ao grupo.

Em relação às ações de apoio entre os adeptos desses grupos comunitários, observamos a existência de contribuições financeiras em favor de melhorias da comunidade ou do auxílio particular para alguns membros, de acordo com as necessidades que se apresentavam. Entre estas, além de moradia, alimentação, vestimenta, ajuda na busca de emprego, casamentos e outras. Mas havia também momentos de “solidão” e crise, articulados a questões emocionais e afetivas, além de problemas físicos de saúde, acidentes e perda de familiares, amigos e parentes em países distantes.

Apontamos que a comunidade buscava fazer parcerias, como, por exemplo, com Igrejas evangélicas brasileiras, mas, como a tentativa de cuidar do próprio grupo, visando sua segurança, se apresentava relevante entre eles, qualquer aproximação por parte de brasileiros poderia ser vista com alguma desconfiança. Assim, apesar da busca por um relacionamento com brasileiros, a situação era analisada cuidadosamente quando esta não vinha da parte do imigrante. Por isso, na maioria das vezes, a busca por essa articulação partia do próprio haitiano, e apesar desse esforço exercido pela comunidade em favor da integração de seus adeptos à nova realidade social, acontecia um certo isolamento destes em relação à sociedade mais ampla, ocasionando o fechamento do grupo em suas próprias comunidades étnicas.

Entendemos que os espaços físicos e sociais proporcionados pelas comunidades haitianas, ao oferecerem apoio para os seus adeptos que chegavam ou chegariam ao Brasil, podem ser compreendidos como extensões de rede migratória. Além de promoverem informações e contato entre pares, esses espaços se tornam meios pelos quais a busca de vínculos possibilita novas conexões e associações, como relações étnicas, residenciais, empregatícias, matrimoniais etc.

Observamos também que as concepções religiosas presentes nos grupos pesquisados (comunidades haitianas evangélicas) facilitavam as relações que buscavam com as comunidades evangélicas brasileiras, que, em muitos casos, eram essenciais para a criação dos espaços físicos anteriormente mencionados. Além desse aspecto, as concepções religiosas eram relevantes para as formas de pensar e de agir dessas comunidades. As práticas religiosas se manifestavam como um componente motivacional e fortalecedor de ações comportamentais que constituíam o cotidiano de tais comunidades, afetando diretamente a vida de seus integrantes e os contextos dos quais faziam parte.

De modo geral, podemos considerar que a comunidade evangélica haitiana era um espaço físico e social de conectividade, mas, acima de tudo, uma extensão natural de rede migratória, formada por interlocuções físicas e virtuais (oriundas da conectividade social virtual), visando oferecer suporte ao imigrante no país de destino. Além de fornecer informações aos adeptos imigrantes, o que é uma característica própria de redes, a comunidade promovia também a mediação de processos migratórios envolvendo seus membros.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, as redes migratórias se tornam possíveis a partir das relações que se estabelecem entre migrantes, não migrantes e antigos migrantes nos locais de destino e de origem, e envolvem parentes e amigos que compartilham interesses e necessidades comuns, constituindo um capital social privilegiado. Por outro lado, existem as redes abusivas que, visando benefícios econômicos, atuam de maneira ilegal.

Vimos também que esse cenário pode ser compreendido, ainda que em partes, por meio das comunidades étnicas que se formam no local de destino, quesito que nos auxiliou na análise sobre as comunidades evangélicas haitianas no Brasil. Verificamos que essas comunidades visam objetivos migratórios comuns, suprindo diversas necessidades de seus adeptos e funcionando como uma extensão de rede migratória no país.

NOTAS

¹ Para mais, ver Marcelino (2021).

REFERÊNCIAS

BAENINGER, R. (Org.). **Migração internacional**. Campinas: Núcleo de Estudos de População – Nepo/Unicamp, 2013.

_____. Migrações internacionais: elementos para o debate no século XXI. In: CUTI, Dirceu; *et al.* **Migração, trabalho e cidadania**, São Paulo: Educ, 2015.

BAGGIO, F.; PARISE, P.; SANCHEZ, W. L. (Orgs.). **Mobilidade humana e identidades religiosas**. São Paulo: Paulus, 2016.

BARBOSA, R. F.; DADALTO, M. C.. Migración y la gobernanza global: el rol de las redes migrantes. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 20, n. 41, pp. 209 – 222, jan./abr. 2018.

BAUMAN, Z. **Estranhos à nossa porta**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

- DURAND, J. A arte de pesquisar sobre migrações: pressupostos metodológicos em ciências sociais. In: DURAND, J.; LUSSI, C. **Metodologia e teorias no estudo das migrações**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.
- FERNÁNDEZ, D. C. Coiotes. **Enciclopédia on-line latino-americana**. São Paulo: Boitempo, 2015. Disponível em: <<http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/c/coiotes>> . Acesso em: 16/10/2019.
- FUSCO, W.; REZENDE, D. F. de A. Redes Sociais. In: CAVALCANTI, L.; BOTEAGA, T.; TONHATI, T.; ARAÚJO, D. (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: UNB, 2017.
- GONÇALVES, A. J. **Migração: crises e encruzilhadas**. São Paulo: CEM/Missão Paz, 2019.
- LUSSI, C. Teorias da mobilidade humana: revisão bibliográfica. In: DURAND, J.; LUSSI, C. **Metodologia e teorias no estudo das migrações**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.
- MARCELINO, B. A. M. **Comunidades evangélicas haitianas: um estudo etnográfico em Guaianases, SP**. Tese de doutorado em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2021.
- PARISE, P. Imigração no Brasil: os números e os desafios sociais e éticos. In: BAGGIO, F.; PARISE, P.; SANCHEZ, W. L. (Orgs.). **Mobilidade humana e identidades religiosas**. São Paulo: Paulus, 2016.
- PEIXOTO, J. Comunidade – Coletivo de migrantes. In: CAVALCANTI, L.; BOTEAGA, T.; TONHATI, T.; ARAÚJO, D. (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: UNB, 2017.
- ROSA, M. D.; BERTA, S. L.; CARIGNATO, T. T.; ALENCAR, S. A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v. 12, n. 3, pp. 497 – 511, set. 2009.
- SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Tradução de Cristina Murachco, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- SHERINGHAM, O. Religião. In: CAVALCANTI, L.; BOTEAGA, T.; TONHATI, T.; ARAÚJO, D. (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: UNB, 2017.
- SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- SOARES, W. Rede migratória. In: CAVALCANTI, L.; BOTEAGA, T.; TONHATI, T.; ARAÚJO, D. (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: UNB, 2017.

RESUMO

Esse artigo é um recorte de uma pesquisa realizada durante o doutorado, e visa abordar a relação entre comunidades religiosas e redes migratórias haitianas no Brasil. A metodologia de pesquisa adotada envolveu levantamento bibliográfico, etnografia e entrevistas abertas. No ano de 2010, a imigração haitiana para o Brasil foi intensificada e, logo que esses imigrantes chegaram ao país, foi possível observar o surgimento de diferentes comunidades religiosas (evangélicas) haitianas em várias regiões. Acompanhamos algumas dessas comunidades em um bairro periférico de São Paulo (Guaianases) e chegamos a alguns resultados. Verificamos que essas comunidades se tornam extensão de redes migratórias, articulando e favorecendo a migração de seus adeptos.

Palavras-chave: Comunidades religiosas; Redes migratórias; Haitianos no Brasil.

ABSTRACT

Sugestão: This paper is part of a research conducted towards a Doctoral degree. The goal is to look at the relationship between religious communities and haitians migrations networks in Brazil. The research method involved bibliography, ethnography and open interviews. In the year 2010 the haitian immigration to Brazil has been intensified and as soon as these immigrants arrived in the country we observed the emergence of different religious (evangelical) communities. We follow some of these communities in the outskirts of SP and we present some of the results. These communities become extensions of migratory networks, articulating and favoring the migration of their followers.

Keywords: Religious communities; migration network; Haitians in Brazil.

